



Uma visão geográfica da escola a partir do estágio supervisionado: socialização, reprodução social ou aprisionamento?

Lara Lima Bezerra¹
UERJ-FEBF

Resumo. O objetivo desse texto é relatar minha experiência vivenciada no estágio supervisionado em Geografia, caracterizando a unidade escolar, lembrando sentidos das aulas que acompanhei e refletindo sobre as suas dificuldades e problemáticas vivenciadas. Como desdobramento dessas reflexões, e tratando também do estágio como momento de pesquisa para a/o licencianda/o, lanço um olhar sobre a escola desde uma perspectiva espacial e, neste sentido, a abordo a partir dos movimentos e interdições ao “corpo discente”, reverberando na mesma em suas dimensões de domínio como lugar de controle. Tal abordagem é realizada a partir de alguns elementos dos estudos de Émile Durkheim, Pierre Bourdieu e Michel Foucault.

Palavras-chave: Espaço escolar; Estágio em geografia; Corpos Dóceis; reprodução social; aprisionamento

TITLE IN ENGLISH

Abstract. The objective of this text is to report my experience lived in the supervised internship in Geography, characterizing the school unit, recalling the meanings of the classes I attended and reflecting on the difficulties and problems experienced. Because of these reflections, and also dealing with the internship as a moment of research for the student, I take a look at the school from a spatial perspective and, in this sense, approach it from the perspective of movements and interdictions to the “student body”, reverberating in its domain dimensions as a place of control. This approach is carried out from some elements of the studies of Émile Durkheim, Pierre Bourdieu and Michel Foucault.

Keywords: School space; Internship in geography; Docile Bodies; social reproduction; imprisonment

¹ Licencianda em Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF/UERJ.
E-mail: lara.limabz@hotmail.com. ORCID 0000-0002-2528-1609

Apresentando o campo de estudo

O Colégio X fica localizado no bairro Corte 8, no 1º Distrito de Duque de Caxias. Um local dominado pelo tráfico e com população, em sua grande maioria, de baixa renda, onde claramente os alunos estão numa posição bem desfavorável para o aprendizado.

Segundo o livro que conta a história do colégio, foi relatado que o grupo escolar X também foi sede de um supletivo, que teve seu início no ano de 1972, conforme a publicação do Decreto.

O Colégio X só tem uma entrada e uma saída, com grades que se fecham após a entrada dos alunos. Entre o refeitório e o pátio também tem uma grade que fica fechada e só se abre na hora que eles saem para almoçar. As janelas das salas também têm grades, o que já vejo como um problema, já que os alunos parecem estar dentro de um ambiente de aprisionamento.

Percebo que não é um ambiente que proporciona ao aluno o desejo de estar lá. Isso nos remete à reflexão sobre como a escola foi se constituindo como espaço que tem como uma de suas funções enclausurar os corpos para melhor controlá-los, sob uma perspectiva disciplinar.

Apesar desse quesito extremamente negativo, a estrutura física da escola é bem conservada, quando se pensa no ensino público. Todas as salas são bem “arrumadas” e tem assentos em boas condições. Melhores até dos assentos que eu tinha no colégio particular em que estudei durante o ensino médio.

A escola fundou em 1971 um jornalzinho, que era administrado pelo trabalho de equipe dos alunos e professores. Hoje em dia esse jornal não existe mais, porém o grêmio estudantil relatou o interesse de retomada dessa atividade extracurricular tão interessante. A unidade escolar também foi referência em seu Festival Estudantil de Teatro e Festival de Música. E, após esses eventos, a escola servia um almoço para todos em forma de confraternização. Os convites para o festival eram feitos à mão pelas professoras. Teatro, música, jornalismo são atividades que agregariam muito na vida dos alunos, mas simplesmente deixam de existir por acharem que não teriam tanta importância como português e matemática.

Levando em consideração que os alunos vivem em uma realidade onde as políticas públicas do Estado são completamente ausentes, seria de extrema necessidade que essas iniciativas virassem aulas ou oficinas para dar aos estudantes outras opções de atividades, além do estudo em si, pois “é indispensável a problematização dos modos de uso dos praticantes nos cotidianos em que vivem, buscando compreender os acontecimentos culturais”. (ALVES, 2003, p. 63).

O acompanhamento das aulas

No colégio X tinham dois professores de geografia, prof. A e o prof. B. Percebi que ambos tinham a metodologia que eu chamo de cópia compulsória, colocar quadros e mais quadros de textos sobre o tema escolhido no dia, e após os alunos copiarem eles passavam exercícios baseados nos textos.

Mediante a isso, observei alguns problemas, por exemplo, os professores não tiravam esses textos de nenhum lugar, pois colocavam os próprios conhecimentos em quadro, o que faz com que surja uma questão metodológica de atuação. Essa metodologia permitia que fosse passado em sala um texto extremamente defasado, raso, sem menções críticas da realidade.

Outra questão observada ao longo dos dias no estágio é a falta do uso de recursos didáticos. Nenhum dos dois docentes usou o livro didático ou qualquer outro recurso que pudesse tornar mais fácil o entendimento dos alunos. Era um tanto enfadonho para os discentes que, os mesmos, reclamavam de ter que copiar tantos quadros com texto.

Ambos professores diziam que essa era a única maneira de fazer com que a turma ficasse “quieta”, o que mostra também pouco domínio de turma. Nesse quesito não os culpo, já que devido à realidade que os alunos vivem, a questão da disciplina é bem mais complexa do que aparenta ser.

Foi notório que esses alunos estavam vivenciando uma defasagem muito grande na aprendizagem, ainda mais quando temos professores que não estão levando com responsabilidade o conteúdo repassado. Em resposta a

essa postura profissional temos, do outro lado, discentes desestimulados e que não tem interesse pelas aulas.

Há também a experiência na aula de população brasileira (7º ano), onde o professor tratou sobre pirâmide etária sem nenhum conteúdo preparado previamente, e eu tive a ideia de imprimir uma foto para que os alunos pudessem observar melhor. Então fui à sala da diretora e solicitei que imprimisse e assim eles puderam colar a foto no caderno junto com o conteúdo. O mesmo se repetiu nas aulas de 6º e 7ºano com a abordagem de paisagem. Novamente, eu fui na sala da direção e preparei uma folhinha com exercícios e imagens para que eles pudessem ter uma pequena dimensão do que o professor havia explicado em aula.

Todas as vezes que eu tinha que elaborar perguntas para os alunos responderem tentava colocar perguntas que estimulassem o senso crítico deles, para que pudessem estar acostumados com esse tipo de questões.

De forma geral, apesar dessas circunstâncias, eu adorava ir para a escola e a forma carinhosa como os educandos me recebiam. Adorei ouvir que eu era a melhor professora que eles já tiveram (porque fui a única que organizei um café da tarde com todas as turmas). Percebi que magistério é um caminho de “mão dupla”, no qual você se esgota diariamente, mas também tem ganho gigantesco.

A nomenclatura do espaço social escolar e sua visualização sobre a ótica de Durkheim, Foucault e Bourdieu

Esse conjunto de percepções e vivências no estágio, mobilizou interesse em aprofundar a temática sobre a escola como lugar de controle. Com este fim, destaco elementos a partir do pensamento e trabalho de autores como Émile Durkheim (1858-1917), Pierre Bourdieu (1930-2002) Michel Foucault (1926-1984).

Existem sociedades que existem sem escola, como por exemplo a sociedade Tupinambá em que você vai encontrar indivíduos que aprendem sem precisar de ir à escola, sobretudo por meio de ensinamentos orais, que

aprendem pela repetição de costumes e posturas que os mais velhos passam aos mais novos, sociedades que o processo de aprendizagem se faz através da informalidade.

Na atualidade, e para fins desse relato, tratamos do processo educacional das sociedades modernas, cuja forma é a escola. Onde o aluno sai de casa, vai para um prédio que muitas vezes está repleto de grades, como é o caso do colégio onde fiz o meu estágio, que tem carteiras uma atrás da outra, que ao final de cada bimestre vai fazer o aluno passar por um processo avaliativo que se ele se sair bem vai “passar de ano” para a próxima etapa.

Uma primeira informação importante para a problemática ou pesquisa, no pensamento de Durkheim é que ele está tentando entender sobretudo as relações que existem entre indivíduo e sociedade, só que na perspectiva dele a sociedade tem muito mais força, muito mais poder do que o indivíduo. Segundo o teórico, o indivíduo é uma “marionete” dessa sociedade. Ou seja, a sociedade está ali, é algo que está acima dos indivíduos dizendo como eles devem agir.

É importante ressaltar que, para o autor, isso permite que a sociedade não entre em colapso. Isto é, para que uma sociedade funcione, é necessário que o indivíduo deixe seus desejos em alguma medida, e passe a levar em consideração o que a sociedade demanda desses indivíduos. Uma das preocupações intelectuais de Durkheim é entender como funciona a sociedade, de forma relativamente organizada, ou seja, coesa, sem que as vontades individuais sejam motivos para conflito.

Essa análise é importante porque vemos a escola e seu funcionamento como o microcosmos e um espelho das relações da sociedade. Ele vê nas instituições como a escola a possibilidade de cumprir o papel de socializar os indivíduos, fazer com que esses aprendam a moral, os valores culturais daquela sociedade para que todos se reconheçam como parte de uma coisa só. A escola “conforma” os indivíduos em determinadas situações sociais. Contudo, Durkheim não tem críticas à escola, pelo contrário, acha que ela é um instrumento necessário para que a sociedade funcione e para que os indivíduos sejam “contidos” para serem capazes de reconhecer a moral de um determinado grupo.

A educação tem justamente por objeto produzir o ser social, pode-se, portanto, ver nela, como que resumidamente, de que maneira esse ser constitui-se na história. Essa pressão de todos os instantes que sofre a criança é a pressão mesma do meio social que tende a modelá-la à sua imagem e do qual os pais e os mestres não são senão os representantes e os intermediários. (DURKHEIM, 2007, p. 6)

Essa perspectiva de Durkheim sobre a escola é conhecida como perspectiva funcionalista, pois para ele não existe essa ideia de a escola como estímulo do pensamento crítico, como ferramenta libertadora ou como ferramenta no combate das desigualdades, e sim, a escola serve para manter a sociedade do jeito que está. Por esse motivo, entendendo esse ponto de partida, que eu considero um ponto interessante quando falamos de escola como espaço de opressão sobre os corpos, precisamos analisar outros aspectos que será possível através dos outros autores.

Pierre Bourdieu, após pesquisar escolas públicas francesas, conclui que a escola serve como um espaço de reprodução ou às vezes até amplia as desigualdades sociais. Na visão deste autor, o professor privilegia determinados conhecimentos que estão vinculados às classes dominantes.

Bourdieu (2014) defende que alunos têm suas particularidades, e com isso cada um carrega sua bagagem cultural, que é apoiada em condições socioeconômicas. Essa bagagem cultural ele chama de Capital Simbólico, definido como “saberes e conhecimentos reconhecidos e legitimados em determinados contextos sociais”. Neste sentido, o sucesso do discente depende não apenas do seu esforço individual, mas dos saberes e disposições (capital simbólico) incorporados ao longo de sua vida, em função da sua posição ocupada nas classes sociais. Ou seja, a instituição escolar tal qual ela funciona hoje, produz desigualdades. O teórico critica, portanto, a ideia de meritocracia.

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais. (Bourdieu, 1998, p. 53)

Michel Foucault é conhecido pelas suas críticas às instituições sociais, especialmente à psiquiatria, à medicina e às prisões. Ele analisa as formas como o poder é exercido. Geralmente quando pensamos em poder pensamos em violência física, humilhação, mas Foucault vai trazer que o poder pode ser muito sutil.

Foucault aponta que antes do século XVIII o poder era exercido de forma violenta através de castigo, torturas físicas e punição para as pessoas. O que muda, pouco a pouco, com a valorização da noção de liberdade pelo ideário burguês e a conformidade com a lei sendo adotada como método. Nas sociedades que Foucault denomina modernas, o exercício do poder é baseado na disciplina. Nelas, criam instituições capazes de reeducar esses indivíduos, fazendo com que eles evitem ter comportamentos indesejáveis, sem a necessidade de violentar, de bater ou de punir fisicamente.

Ao investigar essas instituições disciplinares, como por exemplo as prisões, se ressalta que tal arquitetura, ligados a outros fatores de observação, como câmeras e seguranças, exerce-domínio sobre os prisioneiros, que vão se permitir “domesticar”. Ou seja, para conseguir controlar um corpo, basta que esse corpo se sinta vigiado o tempo todo.

Foucault (2004) leva essa mesma lógica para analisar as escolas, O autor assevera que:

Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiras. As crianças sofrem uma infantilização que não é delas. Neste sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões. (Foucault, 2004, p. 73)

O autor ainda alerta para a retirada da individualidade dos alunos pela instituição escolar, criando, treinando e preparando seus corpos para o assujeitamento e conformação. E como a escola consegue fazer isso? Quando começamos a olhar mais criticamente, percebe-se que a escola, também tem seus micropoderes, tem muitas vezes permeados de sutilezas e também se encontra dentro de em espaço de aprisionamento. A escola também tem uma arquitetura pensada de forma com que os alunos vejam observados e vigiados o tempo todo. Quando se tem, por exemplo, as mesas todas organizadas em

fileiras, elas passam o recado de que ali só se senta voltado a uma posição olhando para a autoridade em sala que seria o professor.

As prisões se caracterizam como teias de relações sociais que promovem violência e despersonalização dos indivíduos. Todos os alunos precisam se vestir com uniformes, muitas vezes são impedidos de entrar na escola por conta de uma peça que esteja fora do padrão. Isso é um processo importante, já que assim como as prisões, a escola está colocando em prática um processo de despersonalização.

Nas janelas, assim como nos corredores, muitas vezes se tem grades, para passar a ideia de que naquele lugar você tem regras e não tem liberdade. Até a nota pode ser um instrumento de dominação dos alunos, quando o professor usa isso como ferramenta de ameaça. Para Foucault (2004) até as palavras, os discursos, podem ter esse mesmo efeito de um micropoder sutil. E assim como os prisioneiros, esses dispositivos tenderiam a acabariam deixar os alunos mais e dóceis. Como pode esse aluno encontrar significado numa escola que possui esse espaço arquitetônico de violência, onde a rede de relações internas o despersonaliza e o anula? A linguística como forma de como o poder de instaura e expressa também é centralidade na obra referida.

Para Michel Foucault o corpo dócil é aquele que se afasta do seu poder político e se aproxima de uma utilidade para o sistema econômico. Ele argumenta que até o sinal sonoro para de entrar nas celas é o mesmo da mudança da aula nas salas das escolas. O corpo é moldado para a continuação da máquina no sistema. É na escola que começamos a obedecer e produzir. Para ele, o poder não serve apenas para reprimir, objetos, mas também corpos e mentes.

Considerações finais

É ainda presente na sociedade proposições do modelo *foucaultiano* pautados na repressão e ele pode ser visibilizado nas estruturas escolares existentes no século XXI. O nosso campo de estudo não foge tal regra e deixa explicitado que as instâncias de repressão e controle ainda são de poderoso

aporte na realidade escolar vigente.

A questão, porém, não resume a uma falha desta unidade escolar, mas de uma grande cristalização de diferentes variáveis estruturais que partem da realidade do indivíduo, da momentaneidade de sua sócio-reprodução escolar, da estrutura física do ambiente, das condições materiais da escola, etc. São tais variáveis que dão aderência a leitura da materialidade da realidade como ótica do fenômeno de sociabilização dos discentes. A estrutura educacional se apresenta como objeto a ser elevado à luz da crítica e não o corpo docente ou os estudantes, portanto, devemos nos endereçar a compreender quais elementos levam a perpetuação de um modelo disciplinar já tomado como punitivista.

As leituras acerca das categorias analíticas *bourdiebianas* – capital social e capital cultural – também nos advertem que o descaso do projeto educacional brasileiro tem muito a ver com a manutenção dos privilégios de classe existentes na estrutura social nacional. A íntima relação de uma economia de atomização do ser e do individualismo pleno causa uma miopia social para as questões de comunidade, como as escolas.

O que esse relato busca demonstrar é a forte instauração de uma letargia do sistema escolar. Uma comunhão entre descaso público, desinteresse do Estado, neoliberalismo e ideologia individualista que ganham aderência em localidades mais pobres e nesse caos os docentes se veem presos a uma realidade onde pouco podem fazer.

Referências

- ALVES, N. Cultura e cotidiano escolar. **Rev. Brasileira de Educação**. n. 23, 2013
- DURKHEIM, É. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PATTO, M. **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ONOFRE, E. M. C. ESCOLA DA PRISÃO: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM APRISIONADO? **29ª Reunião anual da ANPED**, n. 6, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Edições Graal, 2004.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BOURDIEU, P. Reprodução: **Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2014.